



Os pais sempre tiveram dificuldade para impor limites aos filhos, principalmente quando eles crescem e começam a argumentar e tentar impor suas vontades. A educação é um processo que se inicia no berço e, de fato, nunca termina, pois mesmo quando adultos estamos sempre aprendendo ou aprimorando nossa educação.

Quando as crianças ainda são pequenas, os pais têm mais facilidade de dizer não, pois com isso estão educando e salvaguardando os pequenos de suas descobertas muitas vezes perigosas. Com o passar do tempo, as crianças começam a contestar os "nãos" e os problemas se intensificam. A partir dos cinco anos, muitos pais já sentem grande dificuldade em conter os desejos e vontades de seus filhos e dizer não é muito complicado.

Nessa fase todas as crianças gostam de impor suas vontades em diferentes circunstâncias e já entenderam há muito tempo como manipular seus pais para que eles façam o que elas querem. Neste ponto, quando são contrariadas reagem sempre mal e, dependendo da forma como seus pais lidam com as suas reações, elas vão se intensificar ou não. Quanto mais inseguros os pais são, mais dificuldade em impor limites eles têm. E isso a criança é capaz de perceber.

Nos últimos tempos, a carga de trabalho das pessoas vem aumentando consideravelmente e muitos pais acham que não passam tempo suficiente com seus filhos, uma vez que necessitam desenvolver suas carreiras, tanto pelo aspecto financeiro, quanto de realização profissional. Com isso, a maioria dos pais passa a se sentir um devedor de afeto, atenção e carinho e a segurança para dar limites se vê ameaçada.

Uma criança que se acostuma com o "sim" quando é pequena, dificilmente vai aceitar um "não" quando estiver na puberdade ou adolescência. Todos nós concordamos que é muito difícil contrariar as vontades de alguém que amamos sem restrições e agüentar sua birra, seu choro, sua raiva e desamor. É muito complicado, mas absolutamente necessário. As crianças precisam sentir que respeitam alguém e que podem principalmente confiar em alguém. O mesmo pai que diz "não" é aquele que promete que vai ao jogo e vai, que fala que vai dar o brinquedo e dá.

O "não" é uma via de mão dupla para a segurança e confiança. Pais que acabam deixando seus filhos dominarem a cena, aceitando seus desejos sem muita restrição, crêem que com isso seus filhos vão se sentir felizes e bem amparados. Mas o que acaba acontecendo é que seus filhos se sentem desprestigiados e desamparados, passando a exigir cada vez mais deles.

Quando uma criança testa um limite, esse teste precisa ser eficaz e os pais precisam confiar nisso. Não é "não", não é talvez nem só um pouco. Quando o "não" se altera para o lado do talvez ou só um pouco, a criança sente isso mais como uma fraqueza de postura do que como uma possibilidade merecedora de argumentação. Fraqueza detectada é hora do show de persuasão. E nisso eles são muito bons.

Na puberdade, as coisas não são diferentes e o que percebemos é uma intensificação dos argumentos somados a uma demarcação de territórios conquistados pelo jovem. As coisas se complicam quando os jovens começam a confundir uma certa independência e liberdade para decidir o que é melhor e passam a invalidar regras e conceitos. Poder fazer a maioria das coisas sozinho, sem depender muito dos pais, cria uma sensação única que muitos confundem com competência para decidir e realizar. Muitos jovens começam a ter mais liberdade neste momento, para que possam exercitar seu discernimento e poder de decisão, mas ainda não estão maduros o suficiente para ponderarem sobre todas as consequências de suas ações. Neste momento, o "não" tem um papel primordial na educação e os limites e seus cumprimentos são a porta de entrada para uma adolescência mais tranquila.

É sabido que os pais capazes de falar e sustentar bem um "não" são aqueles que gastam um tempo com seus filhos, ouvem suas histórias, compartilham suas tristezas com respeito, não menosprezam seus conflitos e negociam suas

necessidades. Gastar tempo é conversar, dar bronca, rir, passear, cobrar atitudes e mostrar tarefas e posturas.

Sim, é preciso endossar posturas e atitudes, conceitos e regras. Pais que dizem uma coisa e fazem outra, além de não serem muito confiáveis para os filhos, confundem e comprometem a educação como um todo.

Pais cumpridores ensinam a seus filhos regras claras, que formalizam um padrão de conduta que vai acompanhá-los a vida toda, mas é claro que seguir regras é chato e fazer com que as regras sejam cumpridas é mais chato ainda. Muitos pais começam a ver seus padrões questionados ou mesmo negados quando seus filhos entram na puberdade. Aquela estória "o pai do meu amigo deixa", ou, o "meu amigo faz", "pode ou tem", habita todas as casas em todos os continentes. Ter hora para chegar, fazer tarefas, estudar, dar satisfação de onde vai, com quem está, dar o número de telefone dos amigos, o endereço da balada, dizer qual é a balada, quem leva, quem traz, controlar o tempo que fica no computador, o horário de dormir, conhecer os amigos dos filhos, os pais dos amigos, são alguns dos aspectos em que os pais precisam prestar atenção.

Na adolescência, os jovens acham que um bom exercício de maturidade é não dar satisfação sobre seus atos e alguns pais não conseguem se posicionar com relação a isso. Quando vivemos em uma família e temos laços afetivos fortes, dar satisfação é muito mais uma questão de educação que de disciplina. Por exemplo. Um pai ou marido que não diz aonde vai e o que está fazendo gera insegurança, desconforto e desamor com esta atitude em todos os membros de sua família. A mesma sensação experimentam os pais de filhos que se recusam a dizer aonde vão e com quem estão.

Adolescentes precisam ser monitorados exatamente porque são adolescentes e não adultos. Aqueles que os pais já cederam a sua intensa "liberdade" experimentam sentimentos ambíguos, ora acham que os pais não se preocupam com eles, ora se sentem muito emancipados com o fato de cuidarem sozinhos de suas vidas.

Seja como for, a orientação é para que os pais cuidem de seus filhos. Liberdade vigiada, com limites e responsabilidades é ótima para qualquer jovem crescer, mesmo porque confiança é uma coisa que se adquire com atitudes e essa conquista os filhos precisam fazer.

A casa e a família devem representar conforto emocional e sossego, e não uma ilha das fantasias pouco representativa do mundo lá fora, sem muitas regras e limites, o que vai, num futuro próximo, fazer sofrer muito mais do que ajudar a ser feliz.

Silvana Martani é psicóloga da Clínica de Endocrinologia da Beneficência Portuguesa de São Paulo - CRP 06/16669